

O DETERMINISMO COMO REFLEXO SOCIAL NA ANIMALIZAÇÃO DOS PERSONAGENS NA OBRA “O CORTIÇO”, DE ALUÍSIO AZEVEDO E PERPETUAÇÃO NOS SÉCULOS POSTERIORES

¹Giovane de Jesus Santos

²Doralice Santiago Rocha

RESUMO

Com a premissa de compreender o determinismo como reflexo social na animalização dos personagens da obra “O cortiço” de Aluísio Azevedo e a perpetuação nos anos posteriores, faz-se necessário aprofundar sobre a mesma, tendo como objetivo principal desenvolver o processo de zoomorfização na narrativa nos séculos seguintes. Através de uma análise e investigação é possível verificar os traços de marginalização direcionada aos personagens do sublime romance, tendo como causa os fatores socioeconômicos, ficando assim taxado com traços de animalização, marginalizados e excluídos de certa forma dos direitos constitucionais. Numa abordagem mais significativa este estudo bibliográfico qualitativo, quantitativo pode-se constatar na sociedade brasileira atual as mesmas temáticas abordadas na obra, através de materiais como o livro “Por uma outra Globalização do pensamento único à consciência universal” de Milton Santos.

Palavras-chave: Preconceito; Exclusão social; Sociedade; Exploração.

ABSTRACT

With the premise of understanding the determinism as social reflecting on the animalization characters on the book *O Cortiço* of *Aluísio Azevedo* and the perpetuation in after days, it becomes necessary a deeper study about it, as main objective to develop the zoomorphism process on the narrative in the following centuries. Through an analysis and investigation it is possible to verify traces of marginalization directed to the characters of the sublime romance, as causes the socioeconomic factors, therefore taxed with traces of animalization, marginalized and excluded from their constitutional rights. In a more meaningful approach this qualitative and quantitative bibliographic study. In the current Brazilian society, it is possible to realize these same themes in the work such as in the book *Por uma outra Globalização do pensamento único à consciência Universal* from *Milton Santos*.

Key words: Prejudice; Social exclusion; Society; Exploration.

¹ Giovane de Jesus Santos, graduando em licenciatura em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e-mail giovanasantos846@gmail.com

² Doralice Santiago Rocha, licenciada em letras pela Universidade Estadual de Goiás, Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Universo de Goiás, Especialista em literatura Luso Brasileira pela PUC/GO, e-mail Dora-santiago@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo traz um estudo sociológico sobre o processo determinista como reflexo social na animalização dos personagens da obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, e a perpetuação nos séculos seguintes da sociedade brasileira, a fim de desenvolver o processo de zoomorfização nos habitantes e na organização social, política e econômica atual. A obra em análise destaca-se como sendo uma das mais sublimes por retratar de forma minuciosa descritiva, a realidade das desigualdades e o retrato do ser humano em relação a sobrevivência.

O naturalista propõe em sua narrativa, uma interpretação ampla através das descrições detalhadas, representando a imagem das situações abordadas e analisando os costumes socioeconômicos. Utilizando da teoria determinista, para a justificação da animalização dos personagens por meio do ambiente, raça e momento histórico, retratando de forma pessimista o cenário brasileiro daquele período, visto que os pobres tinham uma vida de submissão, explorado por todos os segmentos sociais, inferiorizados em relação as moradias, ao trabalho e vida, contudo essa mesma realidade é presenciada nos dias atuais.

Através da narrativa, torna-se possível conhecer a organização e o modo de vida dos cidadãos que formavam a sociedade carioca do século XIX, verificando-se a discriminação e o sofrimento em que as pessoas menos favorecidas eram submetidas diariamente, além de privações que eram impostas por consequência do meio. Os cortiços se formaram mediante o período de industrialização, dessa maneira a migração e imigração foram em largas proporções, pessoas oriundas dos mais diversos lugares vieram acreditando que conseguiria fazer fortuna.

Diante do contexto apresentado, Azevedo utilizou-se de uma linguagem sociológica, para assim com críticas e deboche moldar e construir a personalidade dos residentes, tendo como pressuposto o ambiente de miséria para tal justificação. Fazendo um diagnóstico profundo acerca do que foi apresentado, pode-se verificar essas mesmas peculiaridades nos séculos XX e XXI, em que o homem é marginalizado pelo meio e inferiorizado pelo mesmo, através de uma política pública ineficiente.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

O determinismo é uma teoria que explica o comportamento humano, baseando em fatores determinantes como o ambiente, a raça e o momento histórico (Taine 1828-1993). Segundo essa teoria as ações dos indivíduos são pautadas nesses três fatores antes mencionados, para assim compreender a organização, bem como sua vida em sociedade.

“O Cortiço” é o principal personagem da narrativa, pois é personificado caracterizando em um espaço aberto para os acontecimentos. A ação das pessoas é baseada nos instintos naturais sexuais e de sobrevivência, tendo assim duas linhas de conduta: as de questões sociais e as individuais sentimentais. Verifica-se também que há dois espaços, o primeiro é os casebres, que representa a mistura de raça e a classe baixa, o segundo pelos sobrados, citando o do Miranda, que representa a aristocracia burguesa ascendente.

A obra “O Cortiço de Aluísio Azevedo, retrata uma realidade que é vivenciada na atualidade. É evidente que a habitação coletiva, foi fruto da ambição de João Romão. As pessoas que habitavam eram pobres, vivendo apenas para o trabalho cercado por ambiciosos aproveitadores, como o notável e ilustre dono do Cortiço. Verifica-se o determinismo na obra quando toda a movimentação do enredo volta-se para as residências, os indivíduos não tinham liberdade de escolha, voltava apenas para o trabalho de subsistência. Tendo a pobreza como causa anterior que tornaram efeito para a sucessão dos acontecimentos, resultando em uma vida subumana.

De acordo com Marx (1818-1883), as pessoas constroem sua história, mas não da maneira que almejam, pois os fatos são condicionados por situações anteriores. Diante disso, a desigualdade social concretiza quando em um grupo ou sociedade existem uma diferença significativa em relação a distribuição financeira, colaborando para as distinções presentes nas sociedades. Mas, transcende a divisão de renda, o que resulta na desigualdade cultural, que é um dos fatores principais para o surgimento de exclusão que provoca sérios problemas para o convívio social, podendo ser citado a marginalização.

João Romão que no passado era pobre, acumula riqueza em virtude da exploração que praticava, utilizando da venda para roubar dos próprios fregueses, constrói pouco a pouco as moradias usurpando material de outras construções e arrematando outros em leilões a preço mínimo. O protagonista por mais que enganava, roubava e mentia, tornando assim cada vez mais capitalista e comprando palmos de terra, continuava com a miséria de ser ambicioso.

Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dez réis de mel coado o que os escravos furtavam da casa dos seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas, empilhando privações sobre privações, trabalhando e mais amiga como uma junta de bois, [...] (AZEVEDO, 2004 p.18)

Dessa forma a ambição não tinha limites, enriquecer progressivamente era seu único objetivo, utilizando e aproveitando das mais distintas situações, e privando de bens básicos, como uma alimentação de qualidade. Comia o que sobrava das refeições que a amiga cozinhava para os trabalhadores. O que plantava na horta era destinado apenas ao comércio, ficando com a parte que não servia para as vendas.

Ao tratar sobre a temática da ironia, percebe-se que o irônico precisa do ingênuo para a concretização do processo. Abordando tal perspectiva, é de grande relevância o trabalho de Muecke (1970-1982 p.116); ao citar que “um e outro desenvolvimento fornece ocasião para a ironia. O romancista irônico pode de um lado “romantizar” a vida interior de suas personagens, e de outro banalizar o contexto social delas”. Com isso a obra de Aluísio Azevedo, na lógica da teoria, está pautada na banalização em via do contexto social de inserção das personagens.

Ao longo da narrativa o escritor vai ironizando e animalizando os personagens, sempre debochando da maneira como as pessoas se comportavam, se vestiam, e trabalhavam, descrevendo as habitações com certo sarcasmo. Preferindo humanizar o cortiço em vez das pessoas que o habitavam, na qual sempre eram tratadas como animais pelo romancista. Isso se comprova através de uma passagem da obra em que o narrador descreve de forma crítica à maneira como alguns trabalhadores da pedreira do ilustre protagonista ambicioso João Romão dormiam:

Entretanto, a mesma atividade parecia reinar por toda a parte. Mas, lá no fim, debaixo dos bambus que marcavam o limite da pedreira, alguns trabalhadores dormiam à sombra, de papo para o ar, a barba espetando para o alto, o pescoço intumescido de cordoveias grossas como enxárcias de navio, a boca aberta, a respiração forte e tranqüila de animal sadio, num feliz pletórico refofagar de besta cansada. (AZEVEDO, 2004 p.50)

Com isso a condição de ser trabalhador, pobre e cansado é atribuída comparações a besta e animal sadio, substituindo a palavra ser humano. A marginalização e violência que está tão presente na sociedade atual são abordadas na obra, e na representação social. A aglomeração na habitação, pessoas oriundas de várias partes do Rio de Janeiro e de Portugal, desencadeia conflitos por motivos fúteis, como por exemplo, o ciúme que levou o Mulato brigar como o Português e por consequência estripá-lo.

Entretanto, por mais que aconteciam conflitos armados e de largas proporções, com violência e desordem, devido as bebedeiras e jogos desenfreados, os moradores tentavam contornar a situação sem envolver a polícia no ocorrido. No episódio da briga, o narrador apresenta os motivos e afirma que:

A polícia era o grande terror daquela gente, porque, sempre que penetrava em qualquer estalagem, havia grande estropício; à capa de evitar e punir o jogo e a bebedeira, os urbanos invadiam os quartos, quebravam o que lá estava, punha tudo em polvorosa. Era uma questão de ódio velho. (AZEVEDO, 2004 p. 113).

Dessa forma o medo do que poderia acontecer, justamente com as proibições faziam com que os residentes evitassem todas as maneiras à ação da polícia no interior do Cortiço. Agravando ainda mais os problemas e dando margem a violência e desordem em certos momentos.

Os seres humanos quando vivem em sociedade, comportam-se e tomam atitudes mediante aos seus princípios os quais consideram como adequados. Na habitação de João Romão não era diferente, eles organizavam de acordo com o que consideravam melhor. Baseando em normas próprias e arcando com as consequências das mesmas. Rosenfeld (2009, p.45) afirma que, “como os seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em faces desses valores.” Dessa maneira, “O Cortiço” de João Romão organizava e tomavam decisões em torno dos valores daquele local.

Outra temática abordada na obra que é evidenciada também na atualidade é o homossexualismo, em uma passagem da narrativa é retratada pelas personagens Leónie uma mulher bem estruturada financeiramente e Pombinha a inocente rapariga do cortiço. O autor descreve a ação da seguinte maneira:

Pombinha arfava, relutando; mas o atrito daquelas duas grossas pomas irrequieta sobre seu mesquinho peito de donzela impúbre e o roçar vertiginoso daqueles cabelos ásperos e crespos das estações mais sensitivas da sua feminilidade, acabaram por folguear a pólvora do sangue,desertando-lhe a razão e o rebate dos sentidos. Agora, espolinhava-se toda, cerrando os dentes, fremindo-lhe a carne em crispações de espasmo; ao passo que a outra, por cima, doida de luxúria, irracional, feroz, revolteava, em corcovos de égua, bufando e relinchando. (AZEVEDO, 2004, p. 120)

Todavia, o que mais destaca nesse episódio, é a relação entre as duas consumir-se, e caracterizar-se como um estupro, com indireto consentimento da mãe de Pombinha. Pois a mesma era ludibriada pelas bebidas, comidas e todas as regalias oferecidas para ambas por Leónie, coisas que não usufruíam devido as condições financeiras.

A forma como a personagem é manipulada, tornando-se vítima dos abusos da outra, merece destaque, pois a mulher era capaz de tudo para conquistar e agradar à jovem menina, mesmo-a resistindo aos abusos através de todas às maneiras, contudo não conseguia livrar-se dos anseios carnis da estupradora. Ressalta-se que a condição social da senhora é um dos motivos que faz com que ela haja com tanta ferocidade nos seus desejos mais íntimos e aflorados. Com isso o romancista busca alertar a sociedade de como a condição financeira de muitos é utilizado para fins tão maléficos como o caso da personagem antes mencionada.

O dono da estalagem após frequentar a casa do Miranda, apreciando assim das coisas consideradas dignas para a burguesia passa a ver a amiga ora companheira Bertoleza com mais desprezo. Na visão dele, a tal seria um empecilho para o suposto casamento dele com a filha do vizinho. Assim, mergulhado nos seus pensamentos mais sombrios, cogita uma maneira de como se livrar daquele obstáculo. Em uma das visitas a casa do referido Miranda, quando percebe que está conquistando a família do amigo, retorna para sua residência, preocupado, buscando uma alternativa para conseguir seu tão almejado objetivo, e a hipótese de matar a parceira, surge como uma solução viável.

Na noite do incêndio provocado pela bruxa louca, o protagonista vendo um de seus inquilinos Libório, aproveitando-se da correria rouba as garrafas do mesmo, deixando-o para morrer queimado. Ele não pensa na possibilidade de salvar o velho, visando apenas usurpar das economias, confirmando mais uma vez à sua ambição. Sua completa falta de caráter e egoísmo sobressai em todo o romance, nas circunstâncias mais adversas para outros, pois sempre via uma maneira de adquirir vantagem, contudo se o acontecimento envolvesse dinheiro, ele interessava ainda mais.

Após esse incidente o proprietário começa o conserto e ampliação da sua estalagem, todavia o que antes eram casebres transformam-se em condomínios mais sofisticados e constrói um sobrado maior que o do Miranda, e passa a alugar para novos inquilinos da mais ampla relevância social. Com isso a residência acompanha as transformações de seu proprietário, que visita continuamente os lugares ora frequentados pela burguesia, Miranda não vê-lhe mais como um inimigo e sim como um cidadão da elite carioca.

Outro personagem que teve uma completa mudança mediante os fatores relacionados ao meio foi o Jerônimo, que depois de conseguir sua vingança contra o Firmo, procura a Rita Baiana e a propõe um compromisso. Mesmo sendo casado, porém seu desejo carnal era tão grande que abandonara a esposa e filha, deixando-as apenas com as economias que outrora guardara. Ele esquece sua ambição de ser rico, e só tem olhos para a atual companheira, sendo devorado pela paixão ardente que ambos possuíam. Tendo uma vida de luxúria, gastos extravagantes e bebedeiras desenfreadas, deixou os costumes portugueses, para abraçar-se das comidas, músicas e gostos brasileiros.

Outro problema que afeta diretamente os dias atuais causando sérios problemas para a família e sociedade que conseqüentemente é relatado pelo escritor durante a narrativa, é o alcoolismo. Depois de ser abandonada pelo marido, Piedade de Jesus encontra na cachaça o alívio para a sua vida amargurada e triste, bebia diariamente e tornou-se uma alcoólatra que não conseguia honrar seus compromissos e ninguém confiava em seu trabalho de costureira. A mesma depois

de refugiar no “Cabeça de Gato”, outro cortiço da cidade carioca era abusada constantemente por diversos homens maus que aproveitava de sua embriaguez.

3 O Determinismo e Animalização no Século XX e na Atualidade

Ao traçar o perfil da sociedade brasileira, verificam-se vestígios deterministas em dois grandes acontecimentos ocorridos no século XX. O primeiro resultante da demolição dos casebres e casarões no centro do Rio de Janeiro, a mando do poder executivo da época, tendo em vista a reurbanização da cidade que até então era a Capital Federal do país obrigando, as pessoas procurarem outros lugares para morar. As ausências de políticas públicas faziam com que os desprovidos fossem marginalizados, privilegiando apenas a burguesia da época.

Em contra partida os problemas sociais mais agravantes começaram a surgir nos bairros periféricos. Pode-se citar a violência, tráfico, roubo e prostituição, além da falta de saneamento básico e moradias dignas. Para o progresso de uma nação, é evidente que precisa das comunidades urbanas para o seu respectivo desenvolvimento. Para elucidar tal afirmação, Coutinho afirma que:

[...] a vida urbana desempenha o papel mais relevante no progresso urbano, cada cidade desenvolvendo sua própria individualidade peculiar e inconfundível, verdadeira unidade econômica, política, social, com traços psicológicos bem típicos na sua população, especializadas através dos tempos, das lutas e dos sofrimentos comuns, da mistura de seus componentes raciais. (COUTINHO, 2008, p.90).

Pautando nas lutas e nos sofrimentos comuns, nota-se que quem sofre são apenas os mais carentes, e em relação a mistura dos componentes raciais, perpetua tanto no século XIX, e posteriores o preconceito e racismo em virtude aos temas étnico-raciais.

O segundo acontecimento foi a Revolta da Chibata ocorrida em 1910, quando marinheiros negros cansados das torturas imposta pelos oficiais brancos tomaram os navios e apontaram os canhões para a cidade, exigindo que os governantes abolissem os castigos físicos e promovessem uma reforma na questão salarial. Ressalta-se que o regime escravocrata já havia sido abolido, porém em plena

república situações de humilhações, castigos físicos, assassinatos contra negros eram praticados.

Na atualidade não é diferente, marginalização, violência, sérios problemas sociais e urbanos iniciados nos séculos anteriores agravaram-se. Constata-se um período em que evidencia uma desigualdade sem precedentes na sociedade brasileira. Distinção muito grande em relação às camadas da população, os burgueses cada vez mais poderosos obtendo todos os direitos, os carentes cada vez mais marginalizados perante a sociedade.

Atualmente a pobreza alcançou outro nível, o de naturalidade, não é vista mais como um problema a ser solucionado e sim como um mecanismo para a submissão e controle de massas. Pois a mesma tornou-se comum e com origens diversas em vastos segmentos de uma sociedade globalizada. Santos (2000), descreve que:

A pobreza atual resulta da convergência de causas que se dão em diversos níveis, existindo como vasos comunicantes e como algo racional, um resultado necessário do presente processo, um fenômeno inevitável, considerado até mesmo um fator natural. Alcançamos, assim, uma espécie de naturalização da pobreza, que seria politicamente produzida pelos atores globais com a colaboração consciente dos governos nacionais e contrariamente às situações precedentes, com a convivência de intelectuais contratados – ou apenas contratados – para legitimar essa naturalização. (SANTOS, 2000, p.36).

Mediante a isso, o problema social, torna-se tão natural que as políticas públicas dos governantes a tratam como algo comum, esquecendo-se dos sérios problemas que a mesma causa. Muitos políticos não diferem de João Romão, pois usam a pobreza para a sua própria ascensão e com um viés para alcançar seus objetivos.

Segundo Santos (2000), em meio século pode ser visto nos países subdesenvolvidos cerca de três formas de pobreza. A pobreza incluída, a qual é definida como sendo de uma região, acidental e estacional, que resulta das dificuldades de adaptação entre condições naturais e sociais. Porém não transcende para outro lugar, caracterizando ser menos discriminatória. A segunda era definida como marginalidade, a pobreza era vista como uma doença da civilização, nesse contexto os pobres eram chamados de marginais e a solução para isso estava nas

mãos dos governantes, os quais eram forçados a encontrar soluções, fórmulas para contornar a situação, havia certa vergonha para o não enfretamento do problema na qual era visível.

A última fase, a pobreza assume um caráter estrutural globalizada, não é mais accidental ou apenas de uma região, “deixa de ser pobre em uma região para ser em outra”, não importando para qual lugar vão durante os processos migratórios, pois a mesma acompanha-os. Santos (2000), salienta que, “nessa última fase, os pobres não são incluídos nem marginais, eles são excluídos”. Essa questão é um dos fatores que provoca o êxodo rural de pessoas para outras regiões, acreditando conseguir emprego e conseqüentemente ter uma vida mais confortável.

Há nos setores periféricos das cidades uma distinção muito grande, quando comparada aos centros urbanos, parece que é outra cidade ou um lugar desconhecido, que não tem visibilidade social. A população presente sofre as mais diversas privações, desde a falta de lazer, saneamento básico, pavimentação das ruas, que se agravam em períodos de chuva, e até a precária iluminação pública. Se sentindo assim, “invisíveis” perante as políticas públicas ora ineficientes, ora inexistentes. Há pessoas vivendo do que encontram em lixões espalhados pelo Estado, analfabetos em sua maioria, alimentam-se dos rejeitos descartados, em uma nação em que na Constituição todos brasileiros têm direito a educação, saúde, lazer e moradia digna.

Em pleno século XXI com o avanço tecnológico e transformações sociais em todos os setores, viver em sociedade não transmite mais a ideia de coletividade em que ser cidadão é conviver junto ao grupo com perfeita união para assim desenvolver a harmonia. Santos (2000, p. 32), afirma que “a globalização mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva reduz a noção de moralidade pública e particular a quase nada”. Com isso a vida das pessoas e suas aspirações, baseiam-se em interesses particulares, assim desconstrói a noção de sociedade coletiva.

O homem do campo não tem uma condição de vida sustentável, digna como emprego e estudo, dentre outros. Dessa forma tende a sair da zona rural e ir para os

centros urbanos, praticando assim o êxodo rural. Percebe-se que por não ter instrução, não consegue emprego digno, sem dinheiro para a sua subsistência, seu destino é a periferia, sujeito a aceitar quaisquer formas de trabalho e remuneração, sendo explorado, sofre todo tipo de privações, além da violência que é evidente nos grandes centros urbanos.

Desta forma e em acordo ao que foi apresentado, percebe-se que Aluísio Azevedo de maneira irônica e com uso de deboche, retrata e apresenta cenários da sociedade carioca, do homem animalizado pelo meio. Realidade que assim como é evidenciada na obra, perpetua ao longo dos séculos e tornando cada vez mais consistente, em que miséria, marginalização e desigualdade social caminham lado a lado.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente artigo é uma pesquisa bibliográfica, quantitativa, qualitativa, o estudo do tema foi desenvolvido através de leituras e releituras de vários textos e, principalmente a obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, análises e interpretações. Sendo que o essencial foi pesquisado na própria obra, além de pesquisas históricas da sociedade do século XX e XXI.

A pesquisa de campo foi realizada na cidade de Posse - GO, no Setor Morada do Sol com alguns dos habitantes. Foram aplicados questionários de forma individual para trinta habitantes, com o intuito de obter informações relacionadas com a temática explícita na obra e com a atual situação das políticas públicas que estão inseridas na vida dos habitantes. Não foi preciso a identificação do entrevistado, a escrita do artigo foi desenvolvida através de análises, textos redigidos de maneira simples e linear.

Os dados foram suficientes para a comprovação da perpetuação das temáticas abordadas na obra no decorrer dos séculos seguintes da sociedade brasileira. Sendo que as diferenças entre a época retratada na obra e posteriores são apenas temporais, pois a organização e problemas são semelhantes, tornando até mais agravantes.

5 RESULTADOS OBTIDOS

Com o intuito de confirmar a perpetuação no século XX e XXI das mesmas temáticas abordadas na obra em estudo, foram feitas algumas perguntas referente a mesma. Foi perguntado se os entrevistados conheciam os demais vizinhos e outros moradores, cerca de 80% responderam que sim e 20% responderam que não. Em relação a convivência aproximadamente 87% disseram que é amigável e 13% afirmaram haver indiferença. Sobre a quantidade de pessoas que habitam nas residências, 33% responderam que habitam de duas a três pessoas, 47% de quatro a cinco e 20% disseram conviver com mais de seis moradores.

Sobre a quantidade de cômodos das residências, 20% afirmaram que possui de dois a três cômodos, 47% de quatro a cinco e 33% mais de seis. Abordado sobre a renda familiar, 60% disseram receber um salário mínimo, 7% meio salário e 33% mais de dois. Foi questionado se eles sentiam explorado pela mão de obra barata, cerca de 67% disseram que sim e 33% que não se sentem. Em relação ao número de pessoas que trabalham para contribuir com a renda familiar, 53% dos entrevistados afirmaram que apenas uma, 33% duas e 13% mais de três pessoas. Inerente as condições das habitações aproximadamente 40% responderam que é boa, 33% disseram ser regular e 27% afirmaram ser ótima.

6 DISCUSSÃO TEÓRICA

Sobre a teoria determinista Taine, na qual justifica o comportamento humano, mediante ao ambiente, raça e contexto histórico, a obra “O Cortiço” está pautada no pressuposto mencionado. O romancista dirige aos personagens, críticas, deboches e ironia de maneira banalizada, explicando assim os motivos que o levaram a retratar o quadro pessimista da sociedade carioca do século XIX. Percebe-se que os habitantes estão submissos a um quadro social na qual é explorado por aproveitadores de todos os lados. Nota-se também que as desigualdades estão presentes em todos os segmentos da vida dos personagens, possuem os piores trabalhos, as mais indignas residências e parecem estarem conformados com a forma na qual estão inseridos.

Karl Marx no Manifesto do partido Comunista, afirma que as lutas de classes é a maneira pela qual um grupo consegue alcançar os seus objetivos, aspirações, ideais, contudo os habitantes do Cortiço de João Romão possuem certo conformismo em relação a própria vida, não possuem perspectivas de melhoras. E a população pobre dos centros periféricos da atualidade comporta-se também da mesma maneira comparando aos da obra, com conformidade, mesmo estando rodeados por desigualdades, por violência marginalização, tendo seus direitos constitucionais violados. Sentem-se invisíveis e esquecidos perante o sistema social.

Rosenfeld (2009), afirma que todos os seres humanos pertencente a um grupo vivem pautados nas regras do mesmo, segue normas pré-estabelecidas e que norteiam as atitudes de ambos. Com isso cabe mencionar que a união e sentimento de coletividade era algo típico dos moradores do cortiço, em diversos acontecimentos as pessoas uniam-se pela mesma causa. Durante o conflito em que os habitantes de “São Romão” lutaram contra os “Cabeça de Gato”, fica explícito esse espírito de união. Menciona-se que antes do conflito, uma briga iniciada por Piedade uma portuguesa, e por Rita a mulata, transcendeu para uma confusão generalizada entre os portugueses e brasileiros, que depois uniram para lutar contra o cortiço rival.

Segundo a concepção de Milton Santos (2000), acerca da sociedade brasileira na visão do governo nacional, o pobre tem que ter orgulho de sua pobreza, pois ela é um fator resultante de maneira natural. É como se tivesse que suportar o seu destino, vida submissa, sem perspectivas de melhoras e acima de tudo concordar com sua condição social. Isso também, vai contra o pensamento de Karl Marx, referente as lutas de classes, na qual é a única forma de conseguir alcançar seus ideais e aspirações.

As práticas de certos governantes contrariam o pensamento de Coutinho ao afirmar, “que toda sociedade precisa das comunidades urbanas para alcançar o progresso”, pautado no sofrimento comum, na mistura de seus componentes raciais. Uma nação organizada e instruída tomaria decisões pautadas nessa questão, todavia não ocorre dessa forma, muitas das comunidades são apenas exploradas no decorrer desse processo, ficando esquecidas, marginalizadas e excluídas.

O medo é inerente ao ser humano, sentimento que faz as pessoas fazerem e tomarem medidas em certas ocasiões sem precedentes, pode-se citar como exemplo, o dono da estalagem, explorando os trabalhadores da pedreira, furtando dos fregueses, usurpando o que não lhe pertencia, vai ascendendo economicamente. Não importando com que as pessoas pensavam ou falavam ao seu respeito e continuava com suas práticas ilegais, todos esses feitos do protagonista justifica-se pelo fato dele ter medo de voltar a ser um simples trabalhador.

A pobreza, a miséria, o analfabetismo, a marginalização, oriunda de uma conjuntura pré determinada vai perpetuando ao longo dos acontecimentos. O deboche seria uma forma que o autor encontrou para criticar a organização da época, o determinismo estaria associado ao fator social e a condição da marginalização dos personagens e da sociedade ao longo dos séculos. Pode ser feita uma comparação entre “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo com as favelas dos centros urbanos formados no decorrer do século XX e XXI. “O Cortiço” é o retrato da sociedade carioca do século XIX, sendo que os problemas do século XIX e nos posteriores a obra em pesquisa é de cunho político, econômico e social.

Pautado no pensamento dos mais diversos teóricos citados, é evidente a continuação de temáticas vivenciadas nos séculos posteriores e que são presenciadas nos dias atuais, pois a humanidade, restringindo-se ao Brasil não consegue erradicar certos problemas existentes. E infelizmente, geram transtornos dos mais diversos segmentos, significando que não conseguiram revolucionar-se em uma concepção universal, não respeitam a Constituição, e também não importam com os seres humanos, principalmente com os menos favorecidos, que necessitam de políticas eficazes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi estudado na pesquisa, sugere que os governantes que gozam de autonomia política repensem suas formas de gestão, na qual por ser ineficaz e outrora inexistente não atingem todos os cidadãos. Deixando centenas de pessoas a margem do processo constitucional, privilegiando apenas uma minoria na qual explora conseqüentemente os menos favorecidos. Políticas públicas voltadas

diretamente para os setores periféricos não significam acabar com as desigualdades sociais ou culturais e sim propiciar aos moradores uma vida confortável pautada em direitos inerentes ao convívio em sociedade, como infraestrutura, saneamento básico, iluminação pública eficiente e acesso a outros bens materiais.

Dessa forma, o leitor irá deparar com uma das realidades em que aqueles que mais necessitavam de políticas públicas, ficavam a margem, eram invisíveis em relação aos direitos. Porém julgados pela sociedade tinham a vida determinada e trabalhavam apenas para a subsistência própria, sem perspectiva de um futuro melhor, suportando todas as privações, injúrias raciais e sociais em que eram submetidas.

8 CONCLUSÃO

A temática aqui exposta evidencia que o determinismo segundo Taine, busca explicar o comportamento tendo como princípio o ambiente que atua diretamente sobre a vida das pessoas que é notável no decorrer de todo o romance de Azevedo ao utilizar-se de vários meios para descrever de forma irônica, banalizando e apresentando o cenário pessimista da sociedade carioca no decorrer do século XIX.

Por meio da sátira o autor ironiza os habitantes, transportando-os e atribuindo-lhes características de zoomorfização, provinda de uma descrição bem detalhada dos habitantes, processo que evidencia no meio social dos moradores quando se aborda a marginalização periférica que Azevedo denuncia. Tendo como pressuposto as características realistas, demonstra a sociedade como realmente é, e todos os problemas que estão impregnados na mesma.

Com isso as personagens da obra foram animalizadas tendo como causa principal o ambiente, que favorecia apenas a ação de exploradores que tirava proveito dos habitantes que estava na condição de subjugados, sem perspectiva de melhoria. Esses mesmos processos são evidenciados nos séculos posteriores, a qual na atualidade as pessoas são marginalizadas pelo meio em que estão inseridas. A obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo foi o elemento crucial para o desenvolvimento deste estudo e por meio do mesmo originou esse artigo científico.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 36ª ed. São Paulo, Ática, 2004.

PEREIRA, Duarte. **Das classes à luta de classes**. Centro de Estudo Marxista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2001 Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/06/DP-Classes-e-luta-de-classes-2.pdf>. Acesso em 14 de out. 2018.

KARL MARX e F. ENGELS. **Manifesto del Partido Comunista**, Ed. Cit, PP. 45-46.

D.C. Muecke. **Ironia e o Irônico**. Ed. Única, São Paulo, Perspectiva, 1995: p.116-117.

ROSENFELD, Anotol. **Literatura e Personagem**. In: CANDIDO, Antonio (Org.) **A Personagem de ficção**. 11ª Ed. São Paulo, Perspectiva, 2009: p. 9-49.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008: 90-97.

BOULOS Junior, Alfredo. **História sociedade & cidadania**. 3ª Ed. São Paulo, FTD, 2015.

SANTOS, Milton. **POR OUTRA GLOBALIZAÇÃO do pensamento único à consciência universal**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/sociologia/outra_globalizacao.pdf. Acesso em 16 de out. 2018

INFANTE Ulisses. **Curso de Literatura Portuguesa**: volume único. São Paulo, Scipione, 2001.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013: p.19-62.

GANCHO, Vilares, Cândida. **Como analisar narrativas**. Ed. Única. São Paulo, Ática, 2003.

CÂMPUS POSSE - GOIÁS
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

FICHA DE CONTROLE E FREQUÊNCIA

Declaração da entrega das Atividades propostas no Regulamento

- Projeto de Pesquisa
 Artigo

Declaro que a acadêmico, Giovane de Jesus Santos realizou, cumprindo os prazos, a atividade acima assinalada Artigo Científico, estando apto a depositá-lo, conforme previsto no regulamento na seguinte situação:

- Concluída e finalizada (redigida e digitada).
 Em fase de conclusão (indicar o que esta faltando).
 Em fase de elaboração (indicar o estágio em que se encontra).
 Realizou o Artigo passo a passo, conforme a orientação do orientador.
 Não realizou o Artigo passo a passo, conforme a orientação do orientador.
 Trouxe o Artigo finalizada sem o conhecimento do orientador.

OBSERVAÇÃO:

Posse (GO) 05 de Novembro de 2018.



Orientador (a)

CÂMPUS POSSE - GOIÁS
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA

Eu, Doralice Santiago Rocha, professora de português, DECLARO que realizei a Revisão ortográfica completa do Artigo, Curso de Letras Português/Inglês do (a) acadêmico (a) Giovane de Jesus Santos, observando as recomendações da NGB do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico, principalmente coesão e coerência no *corpus* do texto.

Para efeito de documento, firmo a presente declaração.

Posse (GO), 05 de novembro de 2018.



Professor (a)

Professor: Doralice Santiago Rocha
Endereço: Rua: Arquimedes Pereira de Brito nº 789
Telefone fixo: (62) 34811348 Cel.: (62) 999963594



CÂMPUS POSSE - GOIÁS

COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS

LITERATURAS

DECLARAÇÃO DE DISCENTE

Declaro para fins documentais que o meu Artigo científico apresentada ao Curso de Letras Português/Inglês do Câmpus Posse (GO), - Universidade Estadual de Goiás-UEG, é original, e não se trata de plágio; não havendo, portanto, cópias de partes, capítulos ou artigos de nenhum outro trabalho já defendido e publicado no Brasil ou o exterior. Caso ocorra plágio, estou ciente de que serei reprovado na Disciplina de Trabalho de Curso.

Por ser verdadeira, firmo esta declaração.

Posse (GO), 05 de novembro de 2018.

Giselle de Jesus Santos

Acadêmico (a)